UM NASCIMENTO REAL NO ORIENTE ANTIGO

Sargão de Acad*

Jean-Jacques Glassner

"Eu sou Sargão, o rei poderoso, o rei de Acad.
Minha mãe era uma grã-sacerdotisa.
Eu não conheço meu pai. O irmão do meu pai
arma a sua tenda na planície. Minha cidade, Azupiranu,
está situada às margens do Eufrates.
Minha mãe, uma grã-sacerdotisa, me concebeu
e deu à luz em segredo; colocou-me
em uma cesta de junco, calafetou-a
com betume, e me lançou ao rio sem
que eu pudesse sair da cesta. O rio levou-me;
trouxe-me até Aqqi, o homem que tirava água do rio.
Aqqi, o homem que tirava água do rio, adotou-me
como filho e me criou.
Aqqi, o homem que tirava água do rio, me fez
trabalhar de jardineiro. Quando eu era jardineiro,
a deusa Ishtar se apaixonou por mim. Durante
cinqüenta e seis anos exerci a realeza. (...)"

Assim começa o relato autobiográfico do rei Sargão, que reinou no XXIII século aC e unificou, pela primeira vez na sua história, a região da Mesopotâmia sob a sua única autoridade. Esse tipo de narração, escrita por um rei, na primeira pessoa, como se monopolizasse o gênero realeza e o promovesse, ao mesmo tempo, instrumento de apologia, pensava-se que estava inscrito em uma estela (*narû*), daí o nome *narû* que muitas vezes lhe conferem. Trata-se com efeito, em todos os casos conhecidos, de pseudobiografias e de estelas fictícias.

Não há elementos para datar a sua composição. A única certeza é que aparecia em bom lugar na biblioteca real reunida por Assurbanipal no seu palácio de Nínive, no século VII aC. Mas a alusão à profissão de jardineiro, que teria sido exercida por Sargão antes de subir ao trono, se acha desde o fim do III milênio ou começo do II na Lista dos Reis da Suméria. Todos estão de acordo, hoje, quanto ao sentido geral da obra, composta de episódios sucessivos que marcam as etapas da conquista do poder,

---

* Jean Jacques Glassner é pesquisador no CNRS de Paris, especialista em acádico e História do antigo Oriente Próximo. Traduzimos do francês o seu estudo publicado na revista "Le Monde de la Bible", n. 101, 1966, p. 10-11, que se ocupa do tema "Natividade, nascimentos e infâncias na Bíblia".

e fazem de Sargão o arquétipo do fundador. Começa por uma sucinta apresentação do herói e dos seus títulos, afirmação através de uma proposição intemporal de uma realidade objetiva e de uma ordem imutável, fundada sobre a autoridade do rei. Vem a seguir o relato propriamente dito, o parto em segredo, o abandono a uma torrente de água em um cofre inteiramente fechado.

Contam-se nada mais nada menos que setenta e cinco relatos semelhantes que narram a exposição de uma criancinha e se distribuem através do mundo, no seio de sociedades as mais diversas. Basta evocar, entre muitos outros, os nomes de Moisés, Abraão, Édipo, Ciro, Semíramis, Hércules, Jesus, Rômulo e Remo, Zaratustra, Tristão e, finalmente, o último avatar (reencarnação de um deus no hinduísmo) conhecido, o de Super-Homem (Superman) exposto por seus pais em um foguete interplanetário.

A própria universalidade do relato suscita um problema que ainda está de pé, e, à medida que se desenvolvem e ramificam as diversas ciências humanas, as interrogações também se diversificam: relações do relato com o contexto social; costume primitivo se perpetua; práticas diferentes que culminam na elaboração de um tema legendário único ou tentativas de imitação de fatos memoráveis de que se ouviu falar um dia; transposição de um ritual de assassinato real e deslocamento em complexo incestuoso e parricida; problemas da semelhança entre relatos de origem muito remota; busca de um arquétipo, um foco único de criação; questões de migração, difusão ou transformação de um motivo narrativo; busca de um núcleo psicológico que gerou a proliferação; etc.

Por enquanto, até onde se saiba, o mais antigo exemplo conhecido do tema da exposição de uma criança recém-nascida é hitita. Data de meados do segundo milênio aC, e narra a exposição dos trinta filhos da rainha de Kanesh que a mãe encerra em um barco cheio de excrementos; acabarão se casando com as trinta filhas que esta mesma rainha terá depois dado à luz e terá conservado consigo.

No caso do rei Sargão, sua mãe é uma sacerdotisa, categoria de mulheres à qual, precisamente, segundo um mito da Babilônia, é formalmente proibido ter filhos. Numa palavra, existe portanto ruptura da ordem universal, e essa ruptura é consecutiva ao não respeito de uma proibição, sendo ela mesma o móvel da exposição.

Essa exposição precede a adoção do herói por Aqqi, o homem que tirava água do rio, que lhe ensina o seu próprio ofício de jardineiro. Semelhante exposição da criança, fora do mundo socializado, significava, na Mesopotâmia, a extinção do direito dos pais, pressuposto indispensável para a criação de um direito novo em benefício do adotante. Aqui se encontra, com efeito, o reflexo de um procedimento jurídico babilônico em cujo término, como o indica um registro oficial do tempo de Nabucodonosor II, uma mãe podia jogar seu filho "na boca de um cão", símbolo do espaço não socializado, indicando a ruptura com os pais genitores e permitindo a adoção por um terceiro, aquele mesmo que o irá retirar. Um outro documento jurídico, proveniente da Assíria, e da segunda metade do segundo milênio aC, não usa a expressão "a boca

de um cão", para dizer metaforicamente o espaço não socializado, mas "o rio": pois é do rio, precisamente, que a mãe adotiva retirou a criança.

Mas, no caso de Sargão, a narração não fica satisfeita com evocar um procedimento jurídico local. A criança está predestinada para uma eleição pelos deuses e um acréscimo de poder. Pois vai caber-lhe o papel de restabelecer a ordem perturbada. Introduzido em um espaço mítico fundamentalmente diferente do espaço socializado, ele realiza nesse intuito uma série de performances, exposição e depois educação, cuja gradualidade o vai levar a uma vitória. Outros ingredientes virão enriquecer esse enredo. É o que se vê no tema do jardineiro elevado à dignidade real; recorda o episódio, relatado em algumas crônicas, da tomada do poder, na cidade de Isin, no início do segundo milênio, por um certo Enlil-bani, jardineiro de profissão e que, levado ao poder por um breve período na qualidade de substituto do rei, continua governando, tendo em vista que falecera o rei titular, por ter bebido em pequenos goles uma papa quente demais; ou a história narrada por Agatias, de Beletaras, o jardineiro-chefe dos palácios reais, que, depois da extinção da progênie real de Semíramis, sob Beleus, é guindado à suprema magistratura.

Mas, tendo sido restabelecida a ordem cósmica, a criança salva e legitimada não dá testemunho também de uma mãe imaculada? No caso de Sargão, a relação com a mãe genitora não se acha portanto totalmente extinta! No Mahabharata, Karna, um outro herói exposto na infância, se dá muito bem com as suas duas mães, Kunti, que o dera à luz, e Radha, que o havia adotado.